



Anais do Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais

29º Congresso · 2026 · ISBN 978-65-89012-07-8

Os movimentos terapêuticos

Reorganização do organismo para a obra terapêutica

The therapeutic movements

Claudia Luciana Barbosa Veloso (1); Flávio Lúcio Assis Moreira (2)

(1) Belo Horizonte-MG · Brasil

(2) Centro Reichiano · Belo Horizonte-MG

Resumo

A Obra Terapêutica constitui uma forma de expressão de si construída por meio da atividade terapêutica. Entretanto, permanecem pouco exploradas as condições do organismo que antecedem esse fazer e influenciam o envolvimento do sujeito na atividade. Este artigo parte da hipótese de que os Movimentos Terapêuticos podem ampliar a disponibilidade expressiva necessária à construção da Obra Terapêutica, por meio da modulação do sistema neuromiofascial, favorecendo a ampliação da percepção corporal e da autorregulação. Trata-se de uma pesquisa teórico-reflexiva que articula contribuições da Psicologia Corporal e dos estudos contemporâneos sobre o sistema neuromiofascial em diálogo com o conceito de Obra Terapêutica, desenvolvido por Rui Chamone Jorge na Terapia Ocupacional Chamoniana. Conclui-se que a preparação do organismo pode potencializar a construção da Obra Terapêutica, favorecendo os processos de criação, autoconhecimento e transformação.

Palavras-chave: Disponibilidade expressiva. Movimentos Terapêuticos. Obra Terapêutica. Sistema neuromiofascial. Terapia Ocupacional Chamoniana.

Abstract

The Therapeutic Work constitutes a form of self-expression constructed through therapeutic activity. However, the conditions of the organism that precede this process and influence the subject's engagement in the activity remain insufficiently explored. This article is based on the hypothesis that Therapeutic Movements can expand the expressive availability required for the construction of the Therapeutic Work through the modulation of the neuromyofascial system, thereby promoting greater body awareness and self-regulation. This is a theoretical-reflective study that brings together contributions from Body Psychology and contemporary studies on the neuromyofascial system in dialogue with the concept of Therapeutic Work, developed by Rui Chamone Jorge within Chamonian Occupational Therapy. It is concluded that preparing the organism may enhance the construction of the Therapeutic Work, fostering processes of creation, self-knowledge, and transformation.

Keywords: Expressive availability. Therapeutic Movements. Therapeutic Work. Neuromyofascial system. Chamonian Occupational Therapy.

INTRODUÇÃO

A capacidade humana de transformar a experiência em ação constitui uma das formas mais fundamentais de expressão de si. Esse processo emerge da integração entre corpo, percepção, emoção e ação, permitindo que a experiência vivida encontre formas concretas de elaboração e criação. O fazer humano, portanto, ultrapassa sua dimensão funcional, configurando-se como um processo criativo capaz de favorecer o autoconhecimento e a transformação.

O conceito de Obra Terapêutica, desenvolvido por Rui Chamone Jorge no âmbito da Terapia Ocupacional, amplia a compreensão da atividade ao reconhecê-la como um instrumento de expressão, autoconhecimento e ampliação da consciência. Nessa perspectiva, o potencial terapêutico da atividade não reside apenas no objeto produzido, mas na experiência vivida durante o fazer, por meio da qual o sujeito atribui novos significados às próprias vivências e amplia sua capacidade de compreender a si mesmo.

Entretanto, essa perspectiva suscita uma questão que permanece pouco explorada: o que favorece o envolvimento do sujeito nesse processo? Em outras palavras, quais condições permitem que uma pessoa participe da atividade terapêutica de maneira espontânea, criativa e integrada, possibilitando que a Obra Terapêutica se constitua como uma autêntica expressão de si?

A prática clínica evidencia que muitos indivíduos chegam ao processo terapêutico apresentando elevados níveis de tensão corporal, padrões respiratórios restritivos, dificuldades de percepção de seus estados internos, limitações na expressão corporal ou reduzida disponibilidade para experimentar novas formas de ação. Nessas condições, o envolvimento com a atividade pode tornar-se restrito, comprometendo não apenas a produção da obra, mas principalmente a qualidade da experiência vivida durante sua construção.

As contribuições da Psicologia Corporal, especialmente de Wilhelm Reich e Alexander Lowen, associadas aos avanços contemporâneos dos estudos sobre a fáscia, a interocepção e a regulação do sistema nervoso autônomo, reforçam a compreensão de que corpo e experiência subjetiva constituem dimensões inseparáveis do funcionamento humano. Sob essa perspectiva, o movimento deixa de ser compreendido apenas como ação motora e passa a ser reconhecido como um recurso capaz de favorecer a percepção corporal, a autorregulação e a disponibilidade para a experiência.

Essa hipótese insere-se em uma linha de investigação que temos desenvolvido sobre as relações entre corpo, movimento e processos terapêuticos, inicialmente discutida a partir do papel da fáscia na terapia corporal (VELOSO, 2024).

É nesse contexto que se insere a proposta dos Movimentos Terapêuticos, desenvolvida a partir da integração entre conhecimentos da Educação Física, da Psicologia Corporal e das evidências contemporâneas sobre o sistema neuromiofascial. Parte-se da hipótese de que os Movimentos Terapêuticos podem favorecer a *disponibilidade expressiva* necessária ao envolvimento do sujeito na atividade terapêutica. Ao promover maior integração entre percepção corporal, autorregulação e movimento, essa abordagem pode criar condições para que a experiência corporal encontre expressão de forma mais livre e integrada na construção da Obra Terapêutica. Nessa perspectiva, o movimento não substitui a atividade nem a produção da Obra Terapêutica; ao contrário, prepara o organismo para que esse processo possa acontecer de maneira mais espontânea, significativa e transformadora.

OBRA TERAPÊUTICA NA TERAPIA OCUPACIONAL CHAMONIANA

Na proposta desenvolvida por Rui Chamone Jorge, a atividade humana ocupa posição central no processo terapêutico. Diferentemente das abordagens que compreendem a atividade apenas como recurso de treinamento, adaptação ou reabilitação funcional, a Terapia Ocupacional Chamoniana entende o fazer humano como um espaço de produção de conhecimento, construção da consciência e transformação do sujeito.

Nessa perspectiva, a Terapia Ocupacional é compreendida como um método de prevenção, tratamento, cura e reabilitação, fundamentado na utilização de atividades livres e criativas como mediadoras da relação terapêutica (JORGE, 1990). O processo terapêutico não se restringe à execução da atividade em si, mas envolve a interação entre terapeuta, sujeito, materiais e ferramentas, bem como a produção da obra terapêutica, isto é, do objeto concreto que materializa o processo e se constitui como campo de expressão, elaboração e ampliação da consciência de si.

Dessa forma, a atividade deixa de ser apenas um instrumento técnico para assumir a função de mediadora entre o sujeito e sua experiência, configurando-se como um método crítico-laborativo das relações humanas e, portanto, como um modo essencialmente psicoterapêutico (JORGE, 1990).

A especificidade da Terapia Ocupacional proposta por Chamone encontra-se, assim, na relação estabelecida entre sujeito, atividade e obra produzida. O conhecimento não é transmitido pelo terapeuta, mas construído na experiência do fazer. Ao transformar a matéria, o sujeito transforma simultaneamente sua relação consigo mesmo, produzindo novas compreensões acerca de sua história, de seus afetos e de sua forma de existir.

Para Chamone, o processo terapêutico organiza-se a partir da interação entre terapeuta, paciente, material, ferramenta e objeto concreto. O terapeuta sustenta as condições do processo; o paciente participa ativamente da construção de sua obra; os materiais e as ferramentas possibilitam a ação sobre a realidade; e o objeto concreto constitui a materialização da experiência vivida.

Nesse contexto, o corpo ocupa posição singular. O próprio Chamone compreende o corpo como a primeira ferramenta do ser humano, sendo por meio dele que se estabelecem as relações com os materiais, as outras ferramentas, os objetos concretos construídos e o mundo. Todo fazer humano, portanto, passa inicialmente pela experiência corporal.

A Obra Terapêutica não possui valor em função de sua qualidade estética ou técnica. Sua importância reside na capacidade de tornar visíveis aspectos da experiência humana que, muitas vezes, permanecem pouco conscientes ou insuficientemente elaborados. O objeto produzido pode expressar conflitos, desejos, afetos, memórias e modos de organização da experiência, permitindo ao sujeito reconhecer e atribuir novos significados ao que vivencia.

Entretanto, se a atividade constitui o caminho por meio do qual a Obra Terapêutica se realiza, permanece uma questão fundamental: quais condições favorecem que o sujeito possa envolver-se nesse fazer de maneira espontânea, criativa e integrada? Embora a Terapia Ocupacional Chamoniana demonstre de forma consistente o potencial transformador da atividade, torna-se pertinente investigar os processos corporais que antecedem esse fazer e que podem ampliar a disponibilidade do organismo para a experiência terapêutica. É a partir dessa questão que se estabelece o diálogo com a proposta dos Movimentos Terapêuticos desenvolvida neste estudo.

O CORPO ANTES DA OBRA

Se a Terapia Ocupacional Chamoniana compreende a atividade como o caminho por meio do qual o sujeito constrói a Obra Terapêutica e amplia a consciência de si, torna-se pertinente dirigir o olhar para um momento anterior a esse processo: o corpo que realiza

a atividade. Antes do objeto produzido, existe um organismo que percebe, sente, movimenta-se e se relaciona com o mundo. Antes da Obra Terapêutica, há uma experiência corporal que sustenta e dá forma ao fazer humano.

Essa compreensão encontra respaldo na própria concepção chamônica da unidade entre corpo e subjetividade. Como afirma Jorge (1999, p. 06), “Quem reabilita o corpo, simultânea e concomitantemente, reabilita a alma, já que continente e conteúdo fazem um só ser, onde um é a forma do outro.” Nessa perspectiva, corpo e experiência psíquica constituem dimensões inseparáveis do ser humano, de modo que toda intervenção sobre a corporeidade repercute simultaneamente sobre a experiência subjetiva. Assim, voltar o olhar para o organismo que realiza a atividade não representa um deslocamento da proposta da Terapia Ocupacional Chamônica, mas um aprofundamento de um princípio já presente em sua própria concepção de ser humano.

Embora a atividade constitua o eixo central da proposta de Rui Chamone Jorge, toda ação humana emerge de uma experiência previamente corporificada. O gesto criador não nasce apenas da intenção consciente, mas de um organismo que se encontra disponível para perceber, experimentar, expressar e agir. Assim, a qualidade da relação estabelecida com a atividade terapêutica depende, em grande medida, da forma como o sujeito habita o próprio corpo.

Essa compreensão encontra ressonância na Psicologia Corporal, especialmente nas contribuições de Wilhelm Reich e Alexander Lowen. Ao romper com a tradição dualista que separava mente e corpo, Reich propôs que os processos psíquicos e corporais constituem um par funcional inseparável. Segundo o autor, toda experiência emocional repercute simultaneamente na organização corporal, manifestando-se na respiração, no tônus muscular, na postura e no movimento. Da mesma forma, modificações na organização corporal podem influenciar os estados emocionais e a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e o ambiente (REICH, 1995).

Nessa perspectiva, o corpo deixa de ser compreendido como simples suporte biológico da mente para tornar-se expressão viva da história do sujeito. As experiências vividas, especialmente aquelas relacionadas aos processos de adaptação e defesa, podem organizar padrões relativamente estáveis de tensão, respiração, postura e movimento, constituindo aquilo que Reich denominou couraça muscular. Longe de representar apenas um fenômeno mecânico, essa organização corporal corresponde a modos habituais de sentir, perceber e responder às experiências da vida, influenciando diretamente a

capacidade de contato consigo mesmo, com o outro e com o ambiente (REICH, 1995).

Alexander Lowen amplia essa compreensão ao afirmar que o desenvolvimento humano depende da integração entre corpo, emoção e consciência. Para o autor, a vitalidade, a espontaneidade e a capacidade de expressão não resultam exclusivamente de processos cognitivos, mas da possibilidade de o indivíduo manter um contato vivo com o próprio corpo. Quanto maior a capacidade de perceber suas sensações, sustentar suas emoções e expressá-las corporalmente, maior tende a ser sua espontaneidade para agir de maneira criativa e autêntica (LOWEN, 1982).

Sob essa ótica, a expressão não se inicia no momento em que um objeto é produzido. Ela começa muito antes, na maneira como o organismo respira, sustenta sua postura, organiza seus movimentos e responde às experiências vividas. Antes de adquirir forma em uma obra concreta, a experiência já se manifesta corporalmente, revelando níveis variados de abertura, rigidez, disponibilidade ou retraimento diante da vida.

Essa perspectiva aproxima-se do conceito contemporâneo de corporeidade, que compreende o corpo não como um objeto possuído pelo sujeito, mas como o próprio modo de existir e relacionar-se com o mundo. Toda percepção, emoção, pensamento ou ação acontece a partir da experiência corporal. O corpo constitui, portanto, a primeira dimensão na qual a experiência humana se organiza, antecedendo qualquer elaboração simbólica ou produção material.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a atividade terapêutica não começa quando o sujeito toca o material ou inicia a construção de uma obra. Ela se inicia na forma como esse organismo chega ao encontro terapêutico: respirando, movendo-se, percebendo, sustentando tensões ou disponibilizando-se para novas experiências. A qualidade dessa presença corporal influencia diretamente a maneira como a atividade será vivenciada e os significados que poderão emergir durante o processo criativo.

Desse modo, a capacidade de produzir uma Obra Terapêutica não depende apenas da oferta de materiais ou da condução da atividade, mas também da *disponibilidade expressiva* do sujeito. Entende-se, neste estudo, por *disponibilidade expressiva* o estado de organização corporal, emocional e perceptiva que favorece a transformação da experiência em ação criativa, permitindo ao indivíduo envolver-se de maneira espontânea, integrada, crítica e consciente na atividade terapêutica. Trata-se de uma condição dinâmica, que pode ser ampliada por intervenções voltadas ao desenvolvimento da percepção corporal, da autorregulação e da flexibilidade adaptativa.

Essa compreensão estabelece uma ponte entre a Psicologia Corporal e a Terapia Ocupacional Chamoniana. Se a Obra Terapêutica constitui a expressão concreta da experiência vivida, torna-se relevante investigar de que maneira o próprio organismo pode ser preparado para essa experiência. É nesse ponto que os conhecimentos contemporâneos sobre o sistema neuromiofascial, a interocepção e a modulação pelo movimento oferecem novas possibilidades para compreender como o corpo pode favorecer a *disponibilidade expressiva* que sustenta o fazer terapêutico.

MODULAÇÃO NEUROMIOFASCIAL E A DISPONIBILIDADE PARA O FAZER

A concepção da *disponibilidade expressiva* proposta neste estudo amplia reflexões iniciadas anteriormente acerca do papel da fáscia na terapia corporal (VELOSO, 2024) e encontra respaldo nos avanços contemporâneos das ciências do movimento, da neurociência e da pesquisa sobre a fáscia. Nas últimas décadas, esse tecido deixou de ser compreendido apenas como uma estrutura de sustentação mecânica para ser reconhecido como uma rede contínua que participa da comunicação mecânica e sensorial do organismo, intimamente relacionado aos processos de percepção, adaptação e regulação do organismo (SCHLEIP et al., 2012; FEDE et al., 2021).

A fáscia constitui uma rede tridimensional que envolve, interliga e dá continuidade estrutural a músculos, ossos, vísceras, nervos e vasos sanguíneos, formando uma continuidade funcional em todo o organismo. Sua rica inervação permite captar informações relacionadas ao movimento, à tensão mecânica, ao alongamento, à pressão e à posição corporal, participando ativamente da construção da percepção corporal (SCHLEIP et al., 2012). Sob essa perspectiva, percepção e organização corporal deixam de ser compreendidas como dimensões independentes, passando a constituir aspectos inseparáveis de um mesmo sistema funcional.

Entre os processos associados a essa organização destaca-se a interocepção, entendida como a capacidade de perceber os estados internos do organismo. Informações provenientes da respiração, da atividade cardiovascular, das vísceras, da musculatura e de outros sinais fisiológicos internos são continuamente integradas pelo sistema nervoso, contribuindo para a construção da experiência subjetiva e da consciência corporal (CRAIG, 2002; CRITCHLEY et al., 2004; DAMASIO, 2010). Quanto mais refinada essa percepção, maior tende a ser a capacidade do indivíduo de reconhecer suas necessidades corporais, regular respostas fisiológicas e adaptar-se às demandas do ambiente.

A qualidade dessas informações relaciona-se diretamente ao funcionamento do sistema nervoso autônomo (SNA), responsável pela regulação de funções involuntárias e pelos estados fisiológicos associados à mobilização, ao repouso e ao engajamento social (PORGES, 2011). Alterações na respiração, no tônus corporal e na organização neuromiofascial podem repercutir sobre a dinâmica autonômica, influenciando a regulação emocional e favorecendo estados fisiológicos mais compatíveis com a percepção, a exploração do ambiente e o envolvimento em experiências de aprendizagem e interação. Nessa perspectiva, propomos que essas condições também favoreçam aquilo que denominamos, neste estudo, *disponibilidade expressiva*.

Os efeitos do movimento sobre esse sistema integrado podem ser compreendidos por meio da mecanotransdução, processo pelo qual estímulos mecânicos são convertidos em respostas celulares, teciduais e fisiológicas (LANGEVIN et al., 2006; SCHLEIP, 2003). Ao movimentar-se, o organismo não promove apenas deslocamentos articulares ou contrações musculares, mas produz estímulos capazes de reorganizar o tecido conjuntivo, modificar a atividade dos fibroblastos e influenciar a aferência sensorial proveniente do sistema neuromiofascial. Dessa forma, diferentes qualidades de movimento podem influenciar simultaneamente aspectos estruturais, perceptivos e autorregulatórios do organismo.

Essa compreensão amplia-se a partir do conceito de biotensegridade, segundo o qual o corpo pode ser compreendido como uma unidade estrutural integrada, na qual tensões e forças mecânicas distribuem-se continuamente por toda a rede miofascial (MYERS, 2020; STECCO, 2015). Sob essa perspectiva, alterações produzidas em uma região corporal podem repercutir em todo o sistema, influenciando os padrões de movimento, a distribuição das tensões e, indiretamente, a percepção corporal. O movimento deixa, assim, de ser entendido como uma ação localizada para ser reconhecido como um processo de reorganização global do organismo.

Embora esses mecanismos tenham sido frequentemente investigados sob a perspectiva da biomecânica ou da regulação emocional, eles também permitem compreender uma dimensão ainda pouco explorada: a preparação do organismo para a ação criativa. Um corpo que amplia sua percepção, flexibiliza padrões de tensão, reorganiza seu tônus e desenvolve maior capacidade adaptativa tende a apresentar melhores condições para envolver-se de forma espontânea e integrada nas experiências propostas pela atividade terapêutica.

Sob essa perspectiva, pode-se compreender que todo sujeito inicia uma atividade terapêutica a partir de um determinado estado de organização corporal, constituído por aspectos neuromiofasciais, autonômicos, perceptivos e emocionais. Propõe-se denominar esse estado de *setting corporal*, entendido como o conjunto de condições orgânicas que antecedem e influenciam a experiência do fazer terapêutico. Assim como o setting terapêutico oferece as condições ambientais e relacionais para o cuidado, o setting corporal representa as condições internas com as quais o sujeito se aproxima da atividade.

Essa compreensão encontra respaldo na própria Terapia Ocupacional Chamoniana. Conforme já discutido por Moreira (2002), a reabilitação do corpo não se restringe à recuperação de funções orgânicas, mas envolve a pessoa em sua totalidade, uma vez que corpo e subjetividade constituem uma unidade inseparável. Nessa perspectiva, o *setting corporal* corresponde ao estado orgânico que antecede a atividade terapêutica e influencia a forma como o sujeito estabelece contato consigo mesmo, com a Obra Terapêutica e com sua capacidade de expressão.

Volpi e Volpi (2024), ao retomarem o conceito reichiano de autorregulação e articulá-lo aos conhecimentos contemporâneos sobre emoções, sistema nervoso autônomo e Psicologia Corporal, propõem uma compreensão integrada do organismo, na qual corpo, mente e energia constituem dimensões inseparáveis da experiência humana. Essa perspectiva dialoga com a hipótese desenvolvida neste estudo, segundo a qual o *setting corporal* corresponde ao estado orgânico com o qual o sujeito ingressa na atividade terapêutica, podendo favorecer a autorregulação, a espontaneidade e a *disponibilidade e expressiva* necessárias à construção da *Obra Terapêutica*.

Assim sendo, a modulação neuromiofascial pode atuar justamente sobre esse setting corporal, favorecendo maior integração entre percepção corporal, regulação autonômica e movimento. Como consequência, amplia-se aquilo que denominamos *disponibilidade expressiva*: a capacidade do sujeito de envolver-se de maneira aberta, espontânea e integrada na atividade terapêutica. É nesse contexto que se insere a proposta dos Movimentos Terapêuticos, apresentada no capítulo seguinte.

OS MOVIMENTOS TERAPÊUTICOS COMO PREPARAÇÃO DO ORGANISMO

A partir da compreensão de que o organismo participa ativamente da experiência terapêutica, os Movimentos Terapêuticos são propostos como uma estratégia de

preparação corporal que antecede a atividade terapêutica, favorecendo as condições corporais, perceptivas e emocionais necessárias para que o sujeito possa envolver-se de maneira espontânea, integrada e criativa na construção da Obra Terapêutica. Seu objetivo não consiste em substituir a atividade desenvolvida pela Terapia Ocupacional Chamoniana, mas em criar condições para que essa atividade possa expressar plenamente seu potencial terapêutico.

Essa proposta fundamenta-se na compreensão do sistema neuromiofascial como uma unidade funcional na qual tecidos fasciais, sistema nervoso, percepção corporal e movimento constituem processos inseparáveis. Nessa perspectiva, o movimento deixa de ser compreendido apenas como recurso de condicionamento físico ou de execução motora e passa a atuar como instrumento de reorganização do *setting corporal*, conceito proposto neste estudo para designar o conjunto das condições corporais, perceptivas, autonômicas e emocionais com as quais o sujeito inicia a atividade terapêutica. Assim como o *setting terapêutico* oferece um ambiente favorável ao cuidado, o *setting corporal* representa o estado interno do organismo que sustenta a experiência do fazer.

Os Movimentos Terapêuticos constituem uma abordagem desenvolvida pela primeira autora a partir de sua trajetória na Educação Física e dos estudos sobre fásia, movimento e Terapias Corporais. Organizam-se como um campo de experimentação corporal baseado na exploração consciente de diferentes qualidades de movimento e, neste estudo, são colocados em diálogo com a Terapia Ocupacional Chamoniana, buscando investigar a hipótese de que a preparação do organismo possa favorecer as condições necessárias para a construção da Obra Terapêutica.

A abordagem utiliza recursos como mobilização miofascial, respiração profunda, vocalizações, exercícios oculares, *grounding*, movimentos de expansão, sustentação, vibração, torções, ondulações, mobilidade tridimensional e integração intersegmentar. Esses recursos não são concebidos como exercícios isolados, mas como experiências corporais selecionadas de acordo com as necessidades apresentadas pelo organismo em cada momento, buscando favorecer maior percepção corporal, autorregulação, presença, espontaneidade e disponibilidade para a experiência. Independentemente dos recursos empregados, o princípio permanece o mesmo: utilizar o movimento como via de reorganização do *setting corporal*, ampliando as condições para que o sujeito possa envolver-se de forma mais autêntica na atividade terapêutica.

Ao produzirem diferentes estímulos mecânicos e sensoriais sobre a rede neuromiofascial, essas experiências corporais podem favorecer processos relacionados à modulação do tônus, à ampliação da percepção corporal e ao aumento da flexibilidade adaptativa, em consonância com os princípios de variabilidade mecânica e continuidade funcional descritos na literatura sobre a fáscia (SCHLEIP et al., 2012; STECCO, 2015).

Além dos efeitos biomecânicos, as diferentes qualidades de movimento possibilitam novas formas de relação do sujeito com sua própria experiência. A ampliação da percepção corporal, a reorganização dos padrões respiratórios e do tônus muscular, bem como o desenvolvimento da capacidade de perceber e sustentar diferentes estados corporais, favorecem uma experiência mais integrada entre corpo, emoção e ação. Não se trata de estabelecer relações causais entre movimentos específicos e estados emocionais determinados, mas de reconhecer que a reorganização corporal amplia as possibilidades de contato consigo mesmo e com o ambiente.

Essa compreensão aproxima os Movimentos Terapêuticos da Psicologia Corporal. Reich e Lowen demonstraram que a organização corporal influencia diretamente a capacidade de sentir, perceber e expressar a própria experiência. Em consonância com essa perspectiva, a abordagem não atua diretamente sobre conteúdos psíquicos, mas sobre as condições corporais que sustentam sua expressão. Parte-se do entendimento de que a capacidade de criar e de construir a Obra Terapêutica depende, em grande medida, da capacidade de perceber, sentir e permanecer em contato com a própria experiência.

Sob essa perspectiva, os Movimentos Terapêuticos constituem uma etapa preparatória da atividade terapêutica. Sua função não é produzir diretamente a Obra Terapêutica nem substituir a experiência criativa proposta pela Terapia Ocupacional Chamônica, mas favorecer as condições corporais que tornam essa experiência mais acessível ao sujeito. Ao reorganizar o *setting corporal*, ampliam aquilo que denominamos *disponibilidade e expressiva*, compreendida como a condição dinâmica na qual corpo, percepção, emoção e ação encontram-se suficientemente integrados para sustentar uma participação espontânea, criativa e consciente na atividade terapêutica. Assim, podem potencializar a construção da Obra Terapêutica como expressão de si, fortalecendo os processos de criação, autoconhecimento e transformação que constituem a essência da proposta terapêutica desenvolvida por Rui Chamone Jorge.

DA PREPARAÇÃO CORPORAL À CONSTRUÇÃO DA OBRA TERAPÊUTICA: IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA

Os capítulos anteriores permitiram compreender que a construção da Obra Terapêutica não depende exclusivamente da atividade proposta, mas também das condições corporais com as quais o sujeito se aproxima dessa experiência. Embora a Terapia Ocupacional Chamoniana tenha demonstrado de forma consistente o potencial transformador da atividade humana, este estudo propõe que a qualidade dessa experiência pode ser influenciada pelo estado de organização corporal que a antecede. Nessa perspectiva, a preparação do organismo deixa de ser compreendida como uma etapa acessória da intervenção terapêutica para constituir um elemento capaz de favorecer o envolvimento do sujeito na atividade.

Ao atuar sobre o sistema neuromiofascial, os Movimentos Terapêuticos favorecem a reorganização do tônus, a ampliação da percepção corporal, o refinamento da interocepção e a modulação do sistema nervoso autônomo. Esses processos reorganizam o *setting corporal* — compreendido como o conjunto das condições corporais, perceptivas, autonômicas e emocionais presentes quando o sujeito inicia a atividade terapêutica —, favorecendo maior autorregulação, espontaneidade e *disponibilidade expressiva*. Esta última é entendida como uma condição dinâmica na qual corpo, percepção, emoção e ação encontram-se suficientemente integrados para sustentar um envolvimento criativo e consciente na construção da Obra Terapêutica.

Propõe-se, assim, compreender a relação entre os Movimentos Terapêuticos e a Obra Terapêutica como um *continuum* de transformação, no qual diferentes dimensões da experiência humana se articulam de maneira integrada:

Experiência corporal pregressa → Setting corporal → Movimentos Terapêuticos → Reorganização neuromiofascial → Ampliação da percepção corporal → Maior autorregulação e espontaneidade → Disponibilidade expressiva → Obra Terapêutica → Consciência de si.

Esse modelo não representa uma sequência rígida ou linear, mas um processo dinâmico no qual corpo, percepção, emoção, ação e consciência influenciam-se mutuamente. Sua principal contribuição consiste em evidenciar que a experiência terapêutica começa antes da atividade propriamente dita, na forma como o organismo chega ao encontro consigo mesmo.

Essa compreensão possui importantes implicações para a prática clínica. Muitos indivíduos iniciam o processo terapêutico apresentando padrões persistentes de tensão corporal, respiração restrita, dificuldades de percepção de seus estados internos,

ansiedade, rigidez ou inibição da expressão. Nessas condições, o acesso à atividade pode tornar-se excessivamente defensivo, racionalizado ou limitado, reduzindo as possibilidades de experimentação, simbolização e criação.

De acordo com a nossa experiência, a utilização dos Movimentos Terapêuticos como preparação do organismo tem favorecido uma transição gradual entre esse estado inicial e a atividade terapêutica. Ao ampliar a percepção corporal, favorecer a autorregulação fisiológica e estimular a espontaneidade, cria-se um contexto mais propício para que o sujeito estabeleça uma relação mais aberta consigo mesmo, com os materiais e com o processo criativo. Nossa experiência clínica tem evidenciado que essa preparação modifica qualitativamente a participação dos indivíduos na atividade, favorecendo maior disponibilidade para explorar, experimentar, sustentar a atenção, flexibilizar padrões de resposta e expressar aspectos da experiência que anteriormente permaneciam pouco acessíveis. Embora essas observações ainda necessitem de investigação empírica sistematizada, elas sustentam a hipótese apresentada neste estudo e apontam para um campo promissor de pesquisa.

Sob essa perspectiva, os Movimentos Terapêuticos não acrescentam uma etapa independente ao processo terapêutico nem substituem a atividade proposta pela Terapia Ocupacional Chamoniana. Sua contribuição consiste em favorecer as condições corporais que potencializam a própria experiência da atividade. Mais do que preparar o corpo para executar uma tarefa, propõe-se preparar o organismo para viver uma experiência. Ao ampliar a *disponibilidade expressiva*, os Movimentos Terapêuticos favorecem um encontro mais autêntico entre o sujeito e a Obra Terapêutica, potencializando sua capacidade de expressão, criação, autoconhecimento e ampliação da consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, propusemos uma aproximação entre a Terapia Ocupacional Chamoniana, a Educação Física, a Psicologia Corporal e os conhecimentos contemporâneos sobre o sistema neuromiofascial, buscando compreender de que maneira os Movimentos Terapêuticos podem favorecer a construção da Obra Terapêutica. Partimos da hipótese de que as condições do organismo que antecedem a atividade influenciam a forma como o sujeito se envolve no fazer terapêutico, sendo a *disponibilidade expressiva* um elemento fundamental nesse processo.

Defendemos que os Movimentos Terapêuticos não substituem a atividade terapêutica nem a produção da Obra Terapêutica. Sua contribuição consiste em favorecer a reorganização

do organismo, ampliando a percepção corporal, a autorregulação e a espontaneidade, de modo a criar condições para que a Obra Terapêutica possa emergir de forma mais autêntica como expressão de si.

Mais do que preparar o corpo para realizar uma tarefa, propõe-se preparar o organismo para viver uma experiência. Quando o sujeito amplia sua capacidade de perceber, sentir e sustentar o contato consigo mesmo, a atividade terapêutica deixa de ser apenas uma ação sobre materiais e torna-se uma oportunidade concreta de criação, expressão de si e ampliação da consciência.

Reconhecemos que as proposições apresentadas neste estudo possuem caráter teórico-reflexivo e foram construídas a partir da reflexão sobre nossa prática clínica, apontando para a necessidade de investigações empíricas que possam explorar os efeitos dos Movimentos Terapêuticos em diferentes contextos da Terapia Ocupacional Chamoniana. Ainda assim, acreditamos que a hipótese aqui apresentada amplia o diálogo entre corpo e atividade, oferecendo uma nova perspectiva para compreender a preparação do organismo como parte integrante do processo terapêutico, sem deslocar a centralidade da Obra Terapêutica como caminho de expressão, autoconhecimento e transformação.

Referências

- CRAIG, A. D. *How do you feel? Interoception: the sense of the physiological condition of the body*. Nature Reviews Neuroscience, London, v. 3, n. 8, p. 655-666, 2002. DOI: 10.1038/nrn894.
- CRITCHLEY, H. D. et al. *Neural systems supporting interoceptive awareness*. Nature Neuroscience, v. 7, n. 2, p. 189-195, 2004.
- DAMASIO, A. *Self comes to mind: constructing the conscious brain*. New York: Pantheon Books, 2010.
- FEDE, C. et al. *The fascial system: structure, function and role in health and disease*. Journal of Anatomy, 2021.
- JORGE, R. C. *O objeto e a especificidade da Terapia Ocupacional*. Belo Horizonte: GES.TO – Grupo de Estudos Profundos de Terapia Ocupacional, 1990.
- JORGE, R. C. *A relação terapeuta-paciente: notas introdutórias*. Belo Horizonte: GES.TO – Grupo de Estudos Profundos de Terapia Ocupacional, 1999.
- LANGEVIN, H. M.; CORNBROOKS, Christine J.; TAATJES, Douglas J. *Fibroblast spreading induced by connective tissue stretch involves intracellular redistribution of alpha- and beta-actin*. Histochemistry and Cell Biology, v. 126, n. 5, p. 575-581, 2006.
- LOWEN, A. *Bioenergética*. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

- MOREIRA, F. L. A. *Terapia Ocupacional Chamoniana e Reabilitação Física*. Revista do Centro Geral de Reabilitação, Belo Horizonte, ano 1, n. 1, mar. 2002.
- MYERS, T. W. *Anatomy trains: myofascial meridians for manual and movement therapists*. 4. ed. Edinburgh: Elsevier, 2020.
- PORGES, S. W. *The Polyvagal Theory: Neurophysiological Foundations of Emotions, Attachment, Communication, and Self-Regulation*. New York: W. W. Norton & Company, 2011.
- REICH, W. *Análise do caráter*. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SCHLEIP, R. *Fascial plasticity – a new neurobiological explanation*. Journal of Bodywork and Movement Therapies, v. 7, n. 1, p. 11-19, 2003.
- SCHLEIP, R. et al. *Fascia as a sensory organ*. Journal of Bodywork and Movement Therapies, v. 16, n. 1, p. 67-75, 2012.
- STECCO, C. *Functional Atlas of the Human Fascial System*. Edinburgh: Elsevier, 2015.
- VELOSO, C. L. B. *Estímulo da fáscia na terapia corporal*. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M.(org.). 27º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais: Anais [...]. Curitiba: Centro Reichiano, 2024. ISBN 978-65-89012-04-7.
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. *Emoções em movimento: o protagonismo do corpo, da mente e da energia na Psicologia Corporal*. Curitiba: Centro Reichiano, 2024.

Credenciais dos autores

Claudia Luciana Barbosa Veloso

Graduada em Educação Física (CREF 007910-G), Pós-Graduada em Gestão de Pessoas (FDC). Certificada pelo Método AYAMA, MOVE FLOW e BRAINSPOTTING. Cursos de Terapia Corporal Reichiana (ITHER) e Análise Bioenergética (Unyleya).

Flávio Lúcio Assis Moreira

Terapeuta Ocupacional UFMG (CREFITO 4/ 4180 TO), Psicoterapia Ocupacional (GES.TO). Massoterapeuta Clínico. Cursos: Princípios da Psicoterapia Corporal com Leonardo Libanio Christo, Terapia Corporal Reichiana (ITHER), Massagem Reichiana e Psicossomática Reichiana e Psicofisiologia das couças (Centro Reichiano), Liberação Muscular Somática (Rafael Hakim). Cursando Especialização em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Terapeuta/Analista Corporal de abordagem Reichiana e Bioenergética, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

Como citar este trabalho

VELOSO, Claudia Luciana Barbosa; MOREIRA, Flávio Lúcio Assis. Os movimentos terapêuticos. In: Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, 29, 2026. Curitiba: Centro Reichiano. ISBN 978-65-89012-07-8. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/anais/os-movimentos-terapeuticos/>. Acesso em: 04/09/2026.